

Que país será este?

» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia



G O M E Z

Refleti bastante antes de escrever este artigo e resolvi fazer uma seleção de palavras e expressões muito presentes nos noticiários acompanhadas dos respectivos significados. Vamos a elas.

Misoginia — repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres; forma de aversão à mulher centrada em uma visão sexista, que a coloca em uma condição de subalteridade em relação ao homem.

Homofobia — aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio ou preconceito que algumas pessoas ou grupos nutrem contra homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

Violência — uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra outra pessoa, um grupo ou comunidade que resulte em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Autocracia — regime político em que as leis e decisões são baseadas nas convicções do governante. Na autocracia, o poder do líder é absoluto e ilimitado, e o governo acaba por ter suas políticas confundidas com as ações pessoais do autocrata, como uma personalização do poder.

Racismo — conjunto de práticas de uma determinada raça ou etnia que, estando em situação de favorecimento social, coloca outra(s) raça(s) em situação desfavorável, enquanto exaltam, direta ou indiretamente, a sua própria.

Xenofobia — comportamento de hostilidade e ódio manifestado contra pessoas por elas serem estrangeiras (ou por serem enxergadas como estrangeiras).

Grilagem — é a prática criminosa que envolve invadir, ocupar, lotear e obter ilícitamente a propriedade de terras públicas sem

autorização do órgão competente e em desacordo com a legislação; é a invasão de terras públicas para apropriação particular, por meio de desmatamento e violência, com ou sem fraude documental.

Cultura armamentista — incentivar a liberação para aquisição de armas pela população em geral.

Milícia — grupo de policiais e seus membros que atuam como mafiosos, como grupos paramilitares privados, tomando os moradores reféns de seu domínio territorial.

Aporofobia — repúdio, aversão ou desprezo pelos pobres ou desfavorecidos; hostilidade para com pessoas em situação de pobreza ou miséria. (do grego á-poros, pobre, desamparado, sem recursos + -fobia).

Intolerância religiosa — forma de violência, física ou simbólica, que tem por objetivo a negação e a supressão de uma religião em detrimento de outra; preconceito associado a algum tipo de violência em que se pretende impedir as pessoas de exercerem a fé.

Falta de empatia — incapacidade de sentir o que sentiria outra pessoa, caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela; evita tentar compreender sentimentos e emoções que permitiriam experimentar o que sente outro indivíduo.

Insensibilidade — que não tem capacidade de sentir amor, afeição, emoção.

Desumanidade — ausência de humanidade; atrocidade, crueldade; ato bárbaro e desumano; selvageria.

Escravidão — defensor da escravatura, do sistema que sujeita alguém à escravidão, à sujeição e à perda de liberdade; escravagista.

Desmatamento — eliminação total ou

parcial de qualquer tipo de cobertura vegetal; atualmente, é considerado um dos maiores problemas ambientais.

Mineração ilegal — permitir o garimpo em terras indígenas.

Militarismo — ideologia que defende que a sociedade é mais bem servida quando governada ou guiada por conceitos ou pessoas oriundas da cultura, doutrina e sistema militares.

Desmonte institucional — ataque ao equilíbrio e harmonia entre as instituições da República.

Estado religioso — aquele em que a religião interfere em alguma medida na administração, legislação ou gestão pública; também chamado de Estado confessional.

Ressentimento — sentimento de mágoa e rancor motivado, muitas vezes, por inveja de outrem.

Inculto — desprovido de cultura, de instrução, de erudição; iletrado; incivilizado.

Grosseria — comportamento da pessoa estúpida; excesso de incivilidade; falta de cortesia; sua estupidéz o afastava das pessoas.

Iniquidade — alguém que tem um comportamento contrário à moral, à religião, à justiça, à igualdade; mau, injusto e perverso.

No domingo, o Brasil decidirá nas urnas o futuro que a maioria da população deseja para nosso país. É indiscutível que as palavras e expressões acima cabem como uma luva no perfil do atual presidente. Assim, quem, como eu, cultiva o humanismo, a liberdade de expressão, de imprensa e de religião, a diversidade, a cultura, a solidariedade e, acima de tudo, a democracia, só tem um caminho a seguir: apoiar e lutar pela vitória do outro candidato. É a certeza de que teremos eleições livres em 2026.

Propostas nas eleições (ou falta delas)

» EDSON VISMONA

Advogado, presidente do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (Ietco); do Fórum Nacional de Combate à Pirataria e Ilegalidade e do Instituto Brasil Legal. Foi secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo

Nas eleições brasileiras, temos visto perguntas que deveriam ser norteadoras das propostas dos candidatos — as clássicas: o quê? Quem? Quando? Onde? Como? E por quê? Todo jornalista aprende nos cursos de formação. Ao acompanhar as discussões sobre a reforma tributária, nos deparamos com esse descompasso. O contribuinte não aceita qualquer majoração da já alta carga tributária, mas as promessas, se forem realizadas, terão um grande impacto nas despesas e as sugestões vão sendo apresentadas sem grande apreço pela realidade.

Vendem a ideia que haverá um substancial aumento na arrecadação, subsidiando os gastos e os investimentos prometidos, entretanto, será que a conta fecha? A bola da vez é voltarmos a tributar os dividendos, alterando

uma estrutura que existe há mais de 20 anos sem nunca ter causado qualquer reação negativa. Mas virou senso comum entre os candidatos com a justificativa de que, finalmente, os ricos serão cobrados. Tal ideia desconhece a nossa realidade, afinal todos os pequenos e médios empreendedores, profissionais liberais, prestadores de serviço, que nada têm de “ricos” serão onerados.

Enquanto isso, temos R\$ 5 trilhões sendo discutidos nas esferas administrativas e judiciais, formando um contencioso tributário colossal. Verdade que, com a edição de leis, foi viabilizado o avanço na transação tributária que tem merecido um esforço importante da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional.

Ao lado das questões tributárias, temos as ações em prol da educação, saúde e segurança. Quanto a essa última, resalto o combate

ao crime organizado e milícias. Em verdade, mesmo diante do essencial, pouco foi esclarecido pelos candidatos.

São temas que podem assegurar, de um lado, o aumento da arrecadação, sem a majoração de impostos e, de outro, estimular a importante segurança jurídica, fundamental para a atração de investimentos e geração de empregos. Além de esclarecer a investidores estrangeiros se teremos a maturidade de viabilizar soluções sem mágicas ou propostas superficiais.

Assim, enquanto o processo eleitoral caminha para a decisão, em vez de estarmos mais esclarecidos, ficamos impactados com acusações de ambos os lados. Pouco importa o sentido de responsabilidade dos candidatos com relação às propostas, o que vale é a vitória no próximo dia 30, depois, vamos ver.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Passado repaginado

Seguindo o raciocínio sempre cristalino e objetivo da filósofa Hannah Arendt (1906-1975), a dignidade — palavra hoje em desuso — tanto da ação quanto do pensamento humano, não pode e não deve ser destruída, para o bem de toda a humanidade, pelos manipuladores da lógica e dos fatos.

A própria história e sua compreensibilidade, não pode ter seus caminhos e fatos redesenhados por aqueles que almejam apenas provar essa ou aquela opinião. Com base nessas observações, transpondo e reduzindo esse tema para caber dentro de um indivíduo e suas singularidades, pode-se inferir que a história de um indivíduo ou seu currículo pretérito, não pode ser adulterado pelo simples fato de que não se pode apagar o passado.

A memória do tempo e dos fatos não se importa com seus sentimentos e crenças. Desse modo, a história de um indivíduo é seu cartão de visita permanente. Por isso, é que se diz que as pessoas podem mudar, mas os fatos históricos de seu passado, jamais.

Quem quer que venha a se apresentar para uma tarefa, tem que fazê-lo apoiado pelos fatos seu passado. É a tal história: fiz e farei. De posse dessas ideias, qualquer um que venha a se incumbir da tarefa de levantar a história e o histórico de alguém, como no caso dos biógrafos, não pode ter seus caminhos de pesquisas atalhados quer por lacunas ou reedições do passado.

Não chega a ser surpresa que muitos de nós, gostaríamos de ter parte de nosso passado apagado dos livros da vida. Mas esse é um sentimento próprio da experiência humana, na sua busca de sempre ir melhorando ao longo da vida. Ainda nesse ponto é válido dizer que o indivíduo, como ser que está em perpétua construção ao longo do tempo, é, em síntese, constituído pelos fragmentos que incorporou a si, ao longo de sua existência.

Para o homem comum e anônimo é sempre mais fácil esse refazer-se e mesmo, apagar para outros, os seus rastros. Para os personagens públicos essa é uma tarefa impossível. Para o mundo do Big Brother e do oceano da internet, essa tentativa de passar a borracha sobre a vida passada de homens públicos, sobretudo dos políticos, é como apagar incêndio num prédio de vinte andares usando conta gotas.

Num trocadilho mais terreno, diz-se que, quem foi, é o que é agora. Em nosso país, onde as tentativas de apagar o passado de muitos, ocorrem de modo contínuo, o trabalho de reeditar a vida pretérita de nossos homens públicos é vista como atitude normal e até aceita por aqueles que fingem não terem visto o que se passou. Aproveitando o fato de que, no Brasil, a memória é sempre um elemento a ser descartado para não sobrecarregar os neurônios, os políticos precisam apenas trocar de roupa ou de gravata, ir a um bom alfaiate, aparar a barba e o bigode, e tudo se resolve. A repaginação do visual, com a ajuda dos recursos do photoshop, contribui para o renascimento de um novo ser, prontinho para entrar em cena.

Mas quer o destino, indiferente aos nossos desejos, que o novo ser, devidamente orientado pelos coroados expertises do marketing, em algum momento, voltará a ser o que sempre foi, obrigando o passado a emergir do fundo do subconsciente. Por suas ações agora, semelhantes ao passado, não adianta mais vir com rótulos do tipo “paz e amor”.

Por baixo da nova máscara e da nova gravata, nova camisa, o antigo e conhecido ódio escorre como suor por todos os poros. Para alguns desses personagens da cena política, a imagem do passado, tão profundamente maculada, permanece como um daqueles retratos antigos de família, pendurados na parede e coloridos a posteriori, mas que guardam a memória viva espelhada no fundo dos olhos de cada um dos retratados.

É como dizem os antigos: a previsão do futuro é sempre feita com base no passado, pois esse acaba sempre reconhecendo e voltando ao seu lugar de origem.

» A frase que foi pronunciada

“O passado nunca está onde você pensa que o deixou.”

Katherine Anne Porter

Erro

» Com boa intenção, o deputado federal Gilson Marques protege os motoqueiros em um estatuto para a classe de entregadores. Mas dizer que eles são alvos de multas por, simplesmente, trabalhar é ingenuidade. A prova está no registro de atendimentos do Corpo de Bombeiros. Imprudência, negligência e imperícia são as razões das multas e de colocar a vida de terceiros em risco. Como o projeto de lei ainda tramita, deve ser revisado.

Ouidoria

» Assédio sexual em ambiente hospitalar, entre funcionário e paciente vulnerável, é um assunto silencioso. Só vem à tona quando o mal já fez o serviço. O fato acontece também em clínicas de exames por imagem. Seria interessante a disponibilização de canais de atendimento e campanha estampada nas paredes das instituições, o que inibiria a prática por parte dos funcionários e deixaria os familiares em alerta. A governança corporativa é o principal fator de mudança com iniciativas proativas.

» História de Brasília

É que o presidente vira, do ar, uma patrulha de máquinas, e pensara que fosse do DNER. Mandou executar o serviço, que não foi iniciado. Mandou, então, demitir o engenheiro residente em Goiânia, constatando-se, depois, que as máquinas eram do DERGO. Tudo esclarecido, começaram, agora, as obras na Fazenda. (Publicada em 11/3/1962)